TL 5415

ESTREMOZ, 6 de SETEMBRO DE 1999

APARTADO 132
7101 ESTREMOZ CODEX
PORTUGAL
(TLF. 068-322697)

COMITÉ OLIVENÇA PORTUGUESA

COMUNICADO Nº 1-T

TIMOR LOROSAE E A INDIFERENÇA INTERNACIONAL

Massacres, genocídios, e limpezas étnicas, abundam na História. Recuando apenas cerca de duzentos anos, desde que surgiu uma opinião pública teoricamente consciente, opinativa, e com um mínimo de Liberdade de Expressão, bem como órgãos de informação a relatarem eventos nos recantos mais afastados do Planeta, e sem grandes preocupações de abranger a totalidade dos factos, podem-se recordar: os massacres na Grécia de cerca de 1820-1830; massacres na Bulgária, Polónia, Paris (1870-71), inúmeros em África e na Ásia; dois genocídios na Arménia (!!!); repetidos massacres no Curdistão; os genocídios hitlerianos; as purgas estalinistas; e tantos outros...

Nos últimos tempos, para além da continuação dos massacres no Curdistão, tivemos(e, em alguns casos, ainda temos) " matanças" no Sul do Sudão, limpeza étnica no Norte de Chipre(estranhamente esquecida...), o caso do Kosovo, as atrocidades no Ruanda, o drama da Bósnia-Herzegovina,... a lista é demasiado grande, de facto!

Em quase todos estes casos, ou nada se fez, ou agiu-se tarde demais, ou, agindo-se, utilizaram-se meios desproporcionados. A opinião pública mundial é "bombardeada" com lamentações, quase sempre hipócritas, de como "foi tudo horrível", ou "devíamos ter intervindo", ou "não podemos permitir que tal indiferença se repita", ou ainda "a comunidade internacional tem de actuar com os meios que estão ao seu dispor, e que já são muitos".

Infelizmente, tudo se repete de novo. E a maioria das actuações são parciais e altamente politizadas. Veja-se, só como exemplo, a actuação a favor dos Albaneses do Kosovo, e a indiferença perante o Ruanda, o Curdistão, o

Irian Jaya (Nova Guiné ocidental), o Sul do Sudão, Chipre, etc., etc. etc.

Timor Lorosae foi ilegalmente ocupada pela indonésia em 1975. A O.N.U. nunca actuou com energia contra o facto, limitando-se a protestos formais. Agora (honra lhe seja feita!) conduziu um processo de consulta popular, salvaguardado por todas as normas possíveis e imaginárias do Direito Internacional. A vontade timorense-oriental foi exprssa de forma inequívoca, verificada "in loco" pela mesma O.N.U.

Também "in loco", a O.N.U. sabe (tem de saber!) o que se passa. Um Estado signatário da Carta das Nações Unidas, e que aceitou a supervisão da mesma organização no processo de referendo, desrespeita de imediato O QUE PUBLICAMENTE AFIRMA ACEITAR, e , indirectamente, ou, neste caso, já directamente e sem pejo, assassina, incendeia, viola as mais elementares regras de humanidade, tudo isto com uma brutalidade, uma desfaçatez e uma hipocrisia que, para além de atentar de imediato contra pessoas indefesas e bens, se permite troçar da Comunidade internacional, na presença dos seus representantes, testemunhas, no local, de toda esta barbárie.

Afinal, que Direito Internacional é este? Qual é a sensibilidade dos dirigentes, embaixadores, responsáveis, da Organização das Nações Unidas, ao poderem testemunhar, pela Televisão, o assassinato de de um povo? O que se espera para exigir que os organismos internacionais alterem o seu modo de funcionamento, de modo a não serem amarrados por peias burocráticas nem por interesses que não colocam acima de tudo a Vida Humana, o Direito Internacional, o Direito à Autodeterminação... valores que, teoricamente, quase todos dizem defender?

Que confiança podem ter os cidadãos e os povos do Mundo perante uma tal atitude? O que se pode fazer contra a angústia que invade cada um de nós ao vermos, na televisão, massacrar indivíduos, hora após hora, dia após dia, das mais variadas e das mais brutais formas? O que se pode fazer para acalmar a raiva, a revolta, o descrédito, a tristeza, que cada um sente ao saber-se impotente para fazer seja o que for perante o horror que presencia? Como calar a indignação ao verificar-se que quem pode fazer algo permanece

indiferente?

Usamos o único meio que nos resta: a nossa voz. Como já foi (e brilhantemente)dito, não faremos minutos de silêncio pelos mortos de Timor. Pelo contrário, por eles, nem por um minuto nos calaremos!

E, para um dos dirigentes da política mundial, não resistimos a lembrar uma canção que ele cantou na década de 1960. Refresque a memória, Senhor Bill Clinton!

BLOWIN' IN THE WIND (BOB DYLAN)

(:::;:.....)

Yes,'n' how many times must the cannon balls fly
before they're forever banned?

(.....)

Yes,'n' how many ears must one man have
before he can hear people cry?

Yes,'n'how many DEATHS WILL IT TAKE 'TIL HE KNOWS
THAT TOO MANY PEOPLE HAVE DIED?

(.....)

YES,'n' how many times can a man turn his head
pretending he just doesn't see?

THE ANSWER,MY FRIEND,IS BLOWIN' IN THE WIND
THE ANSWER IS BLOWIN' IN THE WIND.

Voando ao vento

(....)
Sim, e quantas vezes
têm as balas de canhão
de voar
antes de serem banidas
para sempre?
(....)
Sim, e quantos ouvidos
tem um homem de ter
antes de ser capaz de ouvir as pessoas chorar?
Sim, e quantos MORTOS SERÃO
NECESSÁRIOS ATÉ QUE ELE COMPREENDA
QUE DEMASIADAS PESSOAS JÁ MORRERAM?
(....)
Sim, e quantas vezes pode
um homem virar a cabeça
fingindo simplesmente que
não vê?

A RESPOSTA, MEU AMIGO, ESTÁ VOANDO AO VENTO
A RESPOSTA ESTÁ VOANDO
AO VENTO.

O PRESIDENTE DO COMITÉ OLIVENÇA PORTUGUESA

Carlos Eduardo da Cruz Luna